

Genealogias e redes: pesquisando entre chineses

Franco Dani Araújo e Pinto¹⁶³

Governador Valadares fica localizada no Vale do Rio Doce, região leste do Estado, a cerca de 320 quilômetros da capital, Belo Horizonte. É uma cidade-polo, “cortada” por duas das mais importantes rodovias federais do país, a BR-116 e a BR-381. Tem como principais atividades econômicas o comércio e a prestação de serviços. Com seus mais de 280 mil habitantes,¹⁶⁴ historicamente é conhecida como uma cidade de cultura emigratória, fenômeno iniciado ainda na década de 1960 com a ida de um grupo de estudantes para os Estados Unidos.

Enquanto os olhares da mídia e de pesquisadores como Sueli Siqueira, Gláucia de Oliveira Assis e Maxine Margolis permaneciam cada vez mais atentos a essa relação quase simbiótica entre Governador Valadares e os Estados Unidos, outro fenômeno, esse indicando um caminho inverso, estava se consolidando na cidade de maneira sutil: a chegada de chineses em território mineiro.

Descobri ao longo da pesquisa que o fenômeno migratório vinha ocorrendo na cidade havia alguns anos. Ou décadas, se pensarmos nas

¹⁶³ Professor dos cursos de Jornalismo, Publicidade & Propaganda, e Design Gráfico da Universidade Vale do Rio Doce (Univale). Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

¹⁶⁴ Dados do ano de 2020 fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/governador-valadares/panorama>.

primeiras famílias de chineses, como os Lau, os Sze e os Wu, que chegaram em Governador Valadares entre o final dos anos 1950 e início dos anos 1960. Nos anos 1970, com a chegada da família Chang, essa rede social migratória ganha força e torna-se um fator fundamental para a entrada de outras famílias na cidade, principalmente a partir dos anos 1990, quando ocorre uma reconfiguração do comércio na região central com a abertura não só de pastelarias chinesas, mas também de outros ramos de atuação, como lojas de bicicletas motorizadas e de produtos eletrônicos importados.

Oportuno ressaltar que a presença de estrangeiros em Governador Valadares é proporcionalmente menor que a de valadarenses que emigraram para os Estados Unidos, mas igualmente antiga, e está registrada em estudos publicados por Espíndola (2000; 2005), Siqueira (2009), Assis (1995; 2002) e Biasutti, Loss e Loss (2003), só para citar alguns. Mas nenhum deles faz referência à migração chinesa. O que nos atraiu foi a possibilidade de estudar esse fenômeno ao propor um debate sobre a experiência migratória de chineses para a (e nesta) cidade mineira.

Neste texto, compartilho algumas experiências do trabalho de campo, o qual permitiu um importante registro da mobilidade humana dentro do próprio campo. Essas experiências foram vivenciadas em um contexto desafiador, que foi o da pandemia decorrente da covid-19.¹⁶⁵ Medidas de quarentena e isolamento social foram adotados também em Governador Valadares, o que prejudicou a realização das entrevistas presenciais. Os estabelecimentos comerciais ficaram fechados por algumas semanas. Com a diminuição momentânea de casos de covid-19, as lojas voltaram a funcionar, mas não durou muito. Em outubro de 2020, o aumento dos casos de internação nas redes pública e privada fizeram com que o poder público municipal determinasse novamente o fechamento do comércio. E assim foram as semanas seguintes, até o primeiro semestre de 2021, quando a população começou a ser vacinada e o comércio e demais atividades cotidianas foram voltando à normalidade.

¹⁶⁵ <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>.

A ideia inicial de uma abordagem etnográfica presencial ficou comprometida. Em função da crise econômica, estabelecimentos comerciais fecharam as portas em definitivo, alguns deles de propriedade de chineses. A alternativa foi partir para uma nova abordagem metodológica, mesmo com a pesquisa em andamento. As entrevistas presenciais com chineses deram lugar a entrevistas remotas mediadas pelo WhatsApp enquanto método digital de coleta de dados. Com isso, foi necessário também repensar o recorte do estudo e, conseqüentemente, o universo de entrevistados, já que, segundo o que verificamos, alguns comerciantes chineses deixaram Governador Valadares com a recorrência de fechamento do comércio.

Nesse contexto, voltamos nossas atenções para os chineses que migraram para Governador Valadares durante a chamada primeira grande onda migratória, entre as décadas de 1950 e 1970. As entrevistas¹⁶⁶ abrangeram também filhos dos primeiros imigrantes chineses, o que inclui os que nasceram na China e chegaram ao Brasil ainda na infância e os que nasceram em Valadares, além de outras pessoas que tivessem relação com o tema da pesquisa. Optamos pela história oral como metodologia, a qual nos permitiu produzir maior parte do diário de campo, mesmo que remotamente. Aplicamos, ainda, a técnica de amostragem bola de neve, por meio da qual um entrevistado indica outro(s). O ponto de partida foi um chinês de quem eu já tinha ouvido falar, pois ele tem um estabelecimento comercial bem no centro da cidade, no prédio da Estação Rodoviária. A partir dali, fui estendendo minha rede de contatos e, depois de um tempo, identifiquei aqueles que, até onde se tem notícia, foram os primeiros chineses a pisar em território valadarense.

Ao todo, entrevistei doze pessoas, entre as quais chineses, brasileiros descendentes de chineses e pessoas sem relação de parentesco com os grupos étnicos chineses em Valadares, mas que de alguma forma contribuíram para a pesquisa com seus relatos. As entrevistas com membros

¹⁶⁶ Todos os entrevistados citados nesta pesquisa autorizaram, por escrito, o uso de seus depoimentos ou documentos e fotografias cedidos por eles.

das primeiras famílias sino-brasileiras — ou seja, cidadãos brasileiros com ascendentes chineses ou pessoas nascidas na China radicadas no Brasil —, mesmo que de forma remota, ajudaram não somente a compreender quando a rede migratória chinesa iniciou em Valadares, mas também como ela se mantém. Uma das mais importantes contribuições desta pesquisa é tornar conhecida a história da migração chinesa em Governador Valadares. Trata-se do extrato de um passado da cidade do qual ainda não se tinha conhecimento e registros em seu contexto mais amplo.

Mudança de estratégia

O distanciamento físico em decorrência da pandemia da covid-19 impôs mudanças na metodologia de coleta de dados. Mais do que isso, “Proporcionou uma reflexão sobre o uso de novas tecnologias em pesquisa qualitativa e a necessidade de flexibilização metodológica por parte do pesquisador”, de modo a considerar as mudanças nos contextos e nas condições sociais (Silva; Borges, 2021, p. 117). No caso desta pesquisa, o que estava proposto de início era a realização das entrevistas de forma presencial. Foram possíveis a realização de poucas nesse formato.

O percurso metodológico foi alterado com a pesquisa em curso. Assim, ferramentas digitais de comunicação, como o WhatsApp, surgiram como um importante recurso de interação remota, tanto para a realização das entrevistas, por áudio ou por texto, como também para recebimento de fotografias e documentos. Para que a definição da história oral como metodologia de pesquisa se justificasse, pedi aos entrevistados que, sempre que possível, respondessem às perguntas por áudio. Em alguns momentos, isso aconteceu, em outros, as respostas foram enviadas por mensagem de texto.

A utilização do WhatsApp com instrumento de pesquisa, inclusive, tornou-se algo recorrente durante a pandemia, segundo o estudo “Reperendo o percurso metodológico de pesquisas etnográficas em tempos de pandemia: Uma breve revisão de literatura”, de Cátia Candido da Silva e Fabrícia Teixeira Borges (2021). As autoras analisaram pesquisas empíricas

que sofreram alterações na proposta metodológica em decorrência da pandemia da covid-19 e, como resultado, observaram que os pesquisadores “asseguraram a continuidade das pesquisas por meio da hibridização metodológica e da plataformização” e que entre os instrumentos de pesquisa mais utilizados estão o WhatsApp (Silva; Borges, 2021, p. 110). Prado (2017, p. 5) reforça que “[...] o WhatsApp tornou-se a principal ferramenta de comunicação atual, com mais de 90% de seus usuários ativos e atuantes diariamente em conversas que não têm fim”.

O uso do WhatsApp possibilitou, entre outras coisas, colocar em prática uma outra estratégia metodológica que estava prevista: a de coletas de dados documentais junto à Delegacia da Polícia Federal (PF) em Governador Valadares. Foi por meio do WhatsApp que entrei em contato com um agente da PF e agendei uma visita, que aconteceu no dia 20 de abril de 2021, no setor de atendimento a estrangeiros, na Unidade de Atendimento Integrado (UAI) de Valadares. Durante a nossa conversa, ele comentou sobre uma pessoa que tinha uma participação muito importante no processo de legalização dos chineses que estavam indocumentados em Governador Valadares, e que essa pessoa costumava procurá-lo no setor de atendimento ao imigrante munido com documentos e, às vezes, acompanhado de chineses que estavam em processo de regularização de sua residência em Valadares ou alguma das cidades atendidas pela Delegacia de Valadares. Posteriormente, descobri que essa pessoa era o comerciante Luís Chang — cujo nome chinês é Chang Shuan Ming —, que chegou em Valadares nos anos 1970, ainda criança, e é um dos chineses mais conhecidos na cidade.

Trabalho de campo presencial e remoto

Eu conhecia o chinês Luís — nome social adotado no Brasil. Não pessoalmente, mas em 2018 e 2019, meus alunos de Publicidade e Propaganda da Universidade Vale do Rio Doce (Univale) produziram vídeos para a InterTV dos Vales, emissora afiliada da Rede Globo em Valadares. Os vídeos fazem parte de um projeto denominado “Além dos Vales: histórias de quem

escolheu ficar”, que apresentava a história de pessoas que não são naturais de Governador Valadares, mas que, por motivos diversos, escolheram a cidade para morar. Luís Chang era o personagem de um dos vídeos.¹⁶⁷ Meus primeiros contatos com ele foram por telefone, ainda antes da pandemia. Mas o comerciante chinês parecia desconfiado e se esquivava toda vez que eu sugeria entrevistá-lo pessoalmente. Foi quando decidi conversar com o filho dele, Eduardo Chang, nascido em Governador Valadares, mas que na época estava participando de um evento acadêmico em Taiwan. Quando Eduardo retornou de viagem, em outubro de 2019, conversamos por quase duas horas na praça de alimentação do shopping da cidade.

A aproximação com Eduardo facilitou meu contato com Luís Chang. Acredito que ele tenha comentado com pai dele sobre o nosso encontro, e dali em diante passamos a trocar mensagens pelo WhatsApp, pois Luís preferiu que fosse assim: “Pode ser por aqui [WhatsApp] mesmo. Pode ir mandando [as perguntas], quando puder já vou lhe respondendo.” E assim foi, todas as perguntas foram respondidas prontamente por ele. Foi por intermédio de Eduardo que cheguei até Liliana Sze, gerente de uma refrigeradora no centro da cidade. Liliana é filha do casal Sze Chung Yip, o Sr. Shi, e Sze Sun Kun, a Dona Suá, que estão entre os primeiros chineses a pisar em solo valadarense. Liliana nasceu em Valadares. Seus pais faleceram entre 2007 e 2008. Foi a última entrevista feita presencialmente antes da pandemia da covid-19.

A maior parte da história da família Sze em Governador Valadares foi contada por Sze Siu Ping, a Salpen, que mora no Rio de Janeiro (RJ). Salpen nasceu na China, mas migrou para o Brasil em 1962, ainda criança, juntamente com a mãe. O pai já estava no Brasil desde 1958. Fiz contato com Salpen pelo WhatsApp, me apresentando e falando um pouco da proposta da pesquisa, mas ela inicialmente não respondeu. Elaborei vinte perguntas e encaminhei para ela. Depois de algum tempo insistindo, Salpen enviou uma

¹⁶⁷ Vídeo do projeto “Além dos Vales”, com a participação do chinês Luís Chang Shuan Ming, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VnLil8zyn74>.

mensagem se desculpando e respondeu as quatro primeiras perguntas. Mas, novamente, silenciou. Só voltou a me responder em março de 2020, já no início da pandemia. Nessa época, eu estava retornando de Florianópolis para Governador Valadares e me lembro de que a imprensa já noticiava o primeiro caso de contaminação de coronavírus no Brasil.¹⁶⁸ Nos aeroportos internacionais — no trajeto de Valadares a Florianópolis, e vice-versa, passei por três — já se via alguns turistas e funcionários de companhias aéreas usando máscaras. Eu não sabia, talvez como a maioria dos brasileiros, o que estava por vir e como o futuro cenário impactaria o percurso metodológico da pesquisa.

Foi em uma conversa com Salpen, somente em maio de 2021, que notei que ela citou os nomes de outras duas famílias chinesas que teriam resido em Valadares na mesma época que os pais dela. Ela disse que, quando chegou em Valadares, no início dos anos 1960, conheceu as famílias Lau e Wu. Perguntei se ela tinha contato de algum deles e se sabia se ainda estavam morando em Valadares. Salpen respondeu que tinha informações de que os Wu moraram na rua Caio Martins, uma das mais antigas do centro da cidade, e que os Lau moraram na Ilha dos Araújo, um bairro de classe média-alta de Valadares.

Para localizar essas duas famílias, foi necessário recorrer à minha rede de contatos. A primeira pessoa que procurei foi Luís Chang. Por ser um chinês bastante conhecido na cidade, imaginei que pudesse me ajudar. Chang confirmou a informação de Salpen e disse que os Wu ainda estavam morando na rua Caio Martins, no trecho entre as ruas Belo Horizonte e São Paulo. Ele me disse: “A casa deles fica na direção da minha loja, só que na outra rua.” Isso porque a Casa Chang fica em uma rua paralela à Caio Martins.

Sueli Siqueira, minha coorientadora no doutorado e uma referência em pesquisa sobre migração internacional no campo da Sociologia, disse que tinha uma “conhecida” que morava perto do local indicado por Chang. Ela fez contato com essa amiga, que, de fato, conhecia a família Wu.

¹⁶⁸ Informações disponíveis em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>.

Ela foi até a casa, conversou com a Dona Conceição, viúva do chinês Wu Ro-Shi, que migrou para Valadares no início dos anos 1960, e disse que eu iria procurá-la para uma pesquisa. Foi o que eu fiz. Fui em um sábado, no início do mês de junho de 2021. Dona Conceição se mostrou muito acolhedora. Já não se lembrava de muitos detalhes do passado, mas, com a ajuda da filha Susana, consegui muitos dados e fotografias da época.

Perguntei à Dona Conceição sobre a família Lau, e ela disse que, antes da pandemia da covid-19 tinha o costume de visitar Dona Marta Lau, esposa de Lau Kam Wing, que, segundo o que conseguimos apurar, teria sido o primeiro chinês a migrar para Valadares, ainda nos anos 1950. Ela nos deu uma referência de onde a família mora. Enviei mensagens para conhecidos que moram na Ilha dos Araújos perguntando se alguém conhecia a família Lau. Algumas dessas pessoas fazem parte de grupos de WhatsApp de antigos moradores da Ilha. Dias se passaram, e não obtive resposta.

Foi por meio de Dona Conceição, inclusive, que fiquei sabendo de outros chineses que migraram para Valadares possivelmente nos anos 1960. Quando a visitei, ela me mostrou uma caixa com muitas fotografias. Tinha uma foto do casamento dela, na Catedral de Santo Antônio, a mais antiga igreja católica da cidade, e ao lado dela e do Sr. Wu, havia um casal de chineses idosos. Obviamente, perguntei à Dona Conceição quem eram aqueles padrinhos de casamento, mas ela disse que não sabia muito sobre eles, pois eram amigos do falecido marido.

Os dias se passaram depois dessa minha visita à casa de Dona Conceição, e fiquei bastante angustiado por não conseguir informações sobre o casal da foto. O que mais me frustrava era saber que havia um casal chinês que morou em Valadares na época do casamento de Dona Conceição, nos anos 1960, e eu não sabia absolutamente nada sobre eles. Mas, cerca de três meses depois, por curiosidade, comecei a visitar os perfis de alguns de meus entrevistados no Instagram. Notei que uma colega de trabalho na universidade, a professora Maria Paulina Freitas Sabbagh, seguia todas as filhas do Sr. Shi na rede social. Mande uma mensagem para ela perguntando se

conhecia a família Sze, e ela disse que sim, pois o pai dela, o fotógrafo Jacyr Antônio de Freitas, era amigo do Sr. Shi.

Agendamos uma conversa para a semana seguinte. Nós nos encontramos na sala dos professores da Univale. Ela contou que o pai era uma espécie de “fotógrafo oficial dos imigrantes” que residiam em Governador Valadares, principalmente nos anos 1960. Mostrei para ela algumas fotos que haviam sido enviadas a mim, como a do casamento de Dona Conceição. Quando viu o casal que eu ainda não tinha identificado, ela respondeu: “Esse aí é o Monsieur Tzu e a esposa dele, que eu chamava de Tia Tatai. Os dois eram muito cultos e davam aulas de francês e inglês aqui em Valadares.” Tratei de buscar referências desse casal com outras pessoas, e, coincidentemente, minha coorientadora descobriu que um dos irmãos dela e também a cunhada foram alunos do Monsieur Tzu. Descobri pouca coisa sobre esse casal chinês, mas o suficiente para o registro da presença deles em Valadares.

Foi por meio da caixa de fotos de Dona Conceição que descobri também outro chinês que morou em Valadares nos anos 1960. É conhecido como Roberto.¹⁶⁹ Ele aparece em algumas fotografias. Atualmente, ele mora no Espírito Santo com a esposa. Obtive o contato deles, mas quem conversou comigo pelo WhatsApp foi uma filha de Roberto. Ela disse que o pai não gostava muito de falar do passado, e por isso não obtivemos muitos detalhes sobre esse chinês.

Dias depois de minha conversa com Dona Conceição, recebi uma mensagem de sua filha, Susana, que havia localizado o perfil da Suelly Lau, filha do Sr. Lau, no Facebook. Fiz uma solicitação de amizade, mas depois de alguns dias aguardando, não obtive resposta. Navegando pela *time line* do perfil de Suelly, vi uma postagem do sobrinho dela, Thiago. Por sorte, ele havia deixado um telefone de contato. Mandeí uma mensagem me

¹⁶⁹ Optamos por usar o pseudônimo Roberto para resguardar a identidade desse chinês que morou em Valadares na década de 1960, mas não quis conceder entrevista pois, segundo a família, não gosta de falar do passado.

apresentando, e ele respondeu prontamente. Thiago, que mora na cidade de Belo Oriente (MG), a cerca de 90 quilômetros de Valadares, conversou com a tia e depois me forneceu o telefone dela. O primeiro contato com Suelly aconteceu no dia 10 de junho de 2021. Ela se mostrou receptiva, e dali em diante trocamos dezenas de mensagens que me ajudaram a juntar muitas peças desse quebra-cabeças que é a história da migração chinesa em Valadares. Aparentemente, com base em registros documentais, testemunhais e fotografias, o Sr. Lau foi o primeiro chinês a migrar para Governador Valadares, na segunda metade dos anos 1950.

Foi em uma de minhas conversas com Suelly pelo WhatsApp que experimentei um dos momentos mais especiais da pesquisa. Descobri que o pai dela, o Sr. Lau, tinha sido inquilino do meu avô materno. Na ocasião, ela compartilhou uma foto de um cartão de visitas onde consta o endereço da filial da empresa do pai dela. Curiosamente, o endereço fica ao lado de onde mora uma das minhas tias. Verifiquei o endereço, e a história se confirmou. Era um fato pelo qual eu não esperava, que a história de vida de uma personagem da minha pesquisa se cruzasse em algum momento com a da minha família. Contei isso a Suelly, e ela respondeu: “Mundinho pequeno, né? [...] Isso significa que meu pai era inquilino do seu avô. Essa história está ficando bem interessante.” Respondi a ela que estava emocionado, pois era muito apegado ao meu avô e que a pesquisa sobre os chineses em Valadares estava sendo uma experiência marcante para mim. Ela respondeu: “Pra mim também.”

As escolhas metodológicas

Utilizar a técnica bola de neve na metodologia passou a fazer ainda mais sentido para mim e ficou claro que foi uma escolha assertiva, por vários motivos. O primeiro é que, de fato, o processo de um entrevistado indicar outro estava sendo bastante efetivo, bem mais do que eu esperava; segundo, porque essa técnica costuma ser aplicada em casos em que não se sabe ao certo a quantidade de pessoas a serem entrevistadas. Algumas vezes fiquei pensando em quantos nomes mais surgiriam e qual seria o momento certo

de parar. Entendi que o momento certo de fazê-lo foi quando, a essa altura da pesquisa, outros nomes pararam de surgir. Não havia mais chineses indicando ou mencionando outros chineses em Valadares desse período compreendido entre os anos 1950 e 1970.

Considerando que algumas entrevistas foram realizadas presencialmente e outras por meio do WhatsApp, posso afirmar que a coleta de dados da pesquisa ocorreu dentro de uma configuração de hibridização metodológica, como classificam Silva e Borges (2021). Independente da particularidade de cada método, a pesquisa atingiu seu objetivo no que diz respeito à coleta de dados.

Como ponto negativo de ter usado o WhatsApp na maioria das entrevistas, cito apenas a impressão de não ter extraído “algo mais” de alguns dos entrevistados. Tive essa impressão quando conversei com a Dona Conceição na casa dela. Pessoalmente, a conversa rendeu mais. Foi vasculhando a caixa de fotos dela, por exemplo, e batendo um bom papo em sua varanda que consegui chegar até outros entrevistados que eu nem sabia que tinham relação com a história da migração chinesa em Governador Valadares.

Por outro lado, o uso dessa ferramenta foi fundamental para a interação com os entrevistados, principalmente nos casos daqueles que não moram em Governador Valadares, como Salpen; dos que nem sempre podem ser contactadas presencialmente, como Luís Chang, que viaja a trabalho com frequência; e até mesmo dos que moram em Valadares, mas preferem a praticidade de responder as perguntas pelo aplicativo. Outro fator positivo é a redução de tempo na coleta de dados, uma vez que não houve necessidade de grandes deslocamentos para fazer as entrevistas.

Um aspecto importante a se considerar é que o WhatsApp permite o registro das mensagens tanto por parte do entrevistador quanto do entrevistado, o que não ocorreria, por exemplo, em uma entrevista com uso de gravador, celular ou bloco de anotações, onde essas informações ficam à disposição apenas do entrevistador. Notei, ao longo das entrevistas, o quanto importante foi para alguns poderem vasculhar as memórias afetivas e deixá-las registradas no WhatsApp. Isso só passou a fazer sentido para mim a

partir de mensagens que recebi, como a de Salpen: “[...] estou achando ótimo responder por escrito as suas perguntas, pois além de lembrar a minha história, vou guardar para mim.”

A declaração de Salpen sobre guardar para ela os registros de nossas conversas, as reações resultantes de reviver o passado ou mesmo descobri-lo, as expectativas que se alimentam quanto aos resultados da pesquisa, tudo isso nos alerta para a responsabilidade, enquanto pesquisador, de “devolver”, obviamente com limites, esses resultados. Na pesquisa antropológica audiovisual tem-se usado o termo “restituição”, segundo a antropóloga Carmen Rial. Ela fala do termo em seu sentido literal, ou seja, devolver algo, “retornar os dados retirados sob outra forma — de um artigo, um filme etc. Foram retirados de conversas ou entrevistas, e voltam sob uma roupagem antropológica” (Carmen Rial, 2016, p. 138). No caso da pesquisa sobre a migração chinesa, a restituição pode ser aplicada na divulgação dos resultados como forma de devolver as histórias aos seus protagonistas, além de documentar e registrar fatos importantes na formação de um território e suas territorialidades.

Algumas considerações

Muitas pesquisas, a exemplo desta, consistem, em parte, em uma produção um tanto solitária. Desde a concepção do projeto, passando pelas etapas de leitura, transcrição das entrevistas, organização das informações e a escrita propriamente dita. Isso, em um contexto de distanciamento físico imposto pela pandemia de covid-19, ganhou uma proporção ainda maior, principalmente porque, nesse caso em questão, teve reflexo direto nos procedimentos metodológicos, afetando a proposta inicial de um estudo etnográfico presencial.

As alternativas já estavam diante de nós havia algum tempo, só não tínhamos percebido que poderiam ser úteis também para avançarmos com a pesquisa. Assim, junto com os desafios, vislumbramos oportunidades e possibilidades. A ferramenta de mensagens instantâneas WhatsApp foi

muito útil e eficaz na coleta dos dados, entre depoimentos, fotografias e documentos. De certa forma, ela se consolida no campo da pesquisa como uma importante alternativa de mediação e interação entre pesquisador e entrevistado e, sobretudo, enquanto instrumento para a recolha de informações, sem renunciar ao rigor técnico e científico que é esperado de um trabalho dessa relevância.

Por fim, espero ter cumprido o compromisso de “restituir” aos personagens desta pesquisa, que de alguma forma contribuíram com as narrativas sobre a migração chinesa em Governador Valadares, as histórias que compartilharam comigo, inicialmente em forma de tese e sob uma roupagem antropológica. E o fiz não somente como um pré-requisito para a obtenção do título de doutor, mas em homenagem aos pioneiros desse importante fenômeno migratório chinês, muitos dos quais não podem mais lê-las, mas cujas trajetórias e inserção na sociedade acolhedora, antes de conhecimento restrito às famílias, sairão do ostracismo e da invisibilidade social e serão, a partir da pesquisa, conhecidas publicamente.

Referências

ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Estar aqui, estar lá... uma cartografia da vida entre dois lugares*. 1995. 231f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, SC. 1995.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Estar aqui, estar lá: uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos*. Campinas-SP: Núcleo de Estudos de População/Unicamp. *Textos NEPO*, n. 41, jun. 2002. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/textos_nepo/textos_nepo_41.pdf. Acesso em: 15 jan. 2021.

BIASUTTI, Luiz Carlos; LOSS, Arlindo; LOSS, Everaldo. *Roteiro dos italianos e seus descendentes em Minas Gerais — subsídios para uma história da imigração italiana*. Belo Horizonte: S. N., 2003.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. Práticas econômicas e meio ambiente na ocupação do sertão do Rio Doce. *Caderno de Filosofia e Ciência Humanas*,

Faculdade de Ciências Humanas e Letras do Centro Universitário Newton de Paiva. Ano VIII, n. 14, abril de 2000.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. *Sertão do Rio Doce*. Bauru: EDUSC, 2005.

PRADO, Karla Rondon. Prefácio. In: DISITZER, Márcia; CHATEAUBRIAND, Bruno. (Orgs.). *Como usar o WhatsApp a seu favor: artistas, atletas, empresários e médicos dão dicas de como utilizar essa ferramenta sem incomodar*. Rio de Janeiro: 3R Studio, 2017, p. 5.

RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Roubar a alma — ou as dificuldades da restituição. In: VAILATI, Alex; GODIO, Matias; RIAL, Carmen Silvia de Moraes (Orgs.). *Antropologia audiovisual na prática*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2016, p. 131-146.

SIQUEIRA, Sueli. *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno. Brasil/Estados Unidos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SILVA, Cátia Candido da; BORGES, Fabrícia Teixeira. Repensando o percurso metodológico de pesquisas etnográficas em tempos de pandemia: uma breve revisão de literatura. *New Trends in Qualitative Research*, [S. l.], v. 9, p. 110-118, 2021. Disponível em: <https://publi.ludomedia.org/index.php/ntqr/article/view/359>. Acesso em: 4 set. 2021.